

## danças, gestos, cantos

### Casé Lontra Marques

UM

#### COMENTÁRIO À CALMA:

Não vejo seu corpo estremecer com o próximo passo, incerto do assoalho talvez inexistente, da terra tantas vezes aberta, de uma pedra

a outra pedra, como uma boca — não falarei de abismo — convidando a uma lenta queda; não vejo seus olhos pesarem sobre

as imagens, carregando o espaço com uma presença que se desdobra sobre a vastidão dos móveis; nem vejo

seus dedos hesitarem diante de um objeto, duvidando tanto da consistência da louça quanto da materialidade das mãos; apesar de desconhecer

o destino do seu silêncio, sei que está segura; a fluência dos gestos — mais próxima do prazer do que do pânico — confirma uma segurança

que não me deixa exagerar quando descrevo como hedionda; atenta a tudo que sua mudez oculta, não nomearei a lava que ainda leva na língua

#### COMENTÁRIO À CATATONIA:

Vozes que nunca me viram já me contaminaram.

Coleciono

Sentenças que se impõem

A mim como

As paredes desta casa,

Cujas

Vértebras, cujas pilastras,

Apesar

De reconstruídas,

Permanecem

Deformadas. Ninguém precisa lembrar

Minhas  
Ausências, embora persista

O desconforto  
Desta restrita paralisia. Posso

Interrogar o que jamais  
Será  
Atenção, mas

Sua  
Vigilância — prefiro chamar de vigilância —

Não resiste

A qualquer  
Respiração. Alguém

Dirá que

Descrevo o medo, ainda  
Que não  
Consiga explicar porque,  
De  
Repente, perderá  
O fôlego  
Da fala em decomposição.

COMENTÁRIO À CALMA:

não foi o que experimentei desde que nos instalamos aqui  
nesta casa  
sempre em reforma — neste corpo brutalmente exposto —

tampouco o que presencio

agora com  
as armas à mostra — procurando —

a cada  
hora — propor

amparo

a todos que me guardam

## COMENTÁRIO À CATATONIA:

Admiro o desequilíbrio que oferta a alguém a oportunidade  
de acreditar  
na existência da neutralidade;

Desejamos operar um corpo que acompanhe  
a fundação dos fatos  
prematuramente inofensivos, repelindo

o que não for orquídea

(quando estamos  
somente famintos)

porque acolhemos a miséria  
mais mesquinha

(sujar as mãos  
será o início de uma extensa celebração)

## DOIS

Quem não pode tocar procurará destruir? Aquele que não canta diz: morro quando sou indiferença, quando estou imune ao mundo (a incerteza instala no dia o vestígio de uma vida acidamente incisiva). Ao estender sobre o tronco outra fome, penetro, como posso, o que me reparte, o que nos desvia em direção ao movimento

extremo. Este, sem gesto, insiste, apesar de não saber sustentar o que irá relatar: a figura aqui manifesta não se faz nomear. Sua voz — um feixe de falas aniquiladas quando calcificadas — não se deixa depositar sob um dispositivo

preciso, sob uma engrenagem exata. Como descrever a saliva que desliza pela ferida? Está desperta: saio cega do hospital, ainda consegue dizer, depois de alcançar a calçada, ainda consegue andar, decido não mais confiar sequer na luz a devastar minha vista (sigo apenas uma perturbação assídua): exposta

ao sol do desabrigo, talho no tempo — com mãos trabalhadas pelo estímulo ao ritmo — o rosto que restaurará

meu filho, preenchendo o espaço com alguma possibilidade de presença; embora não pronuncie um indício de palavra, estremeço com a concentração de tantas vozes desencontradas (seu silêncio

condensa a cegueira de experiências amputadas tanto de tato

quanto de fala). Sempre ameaçada por uma pressa, custo a acreditar que persisto

parada: hesito, apesar de excitada, o próximo passo, continua a dizer, que me depreda, continua a andar, que me despedaça. Descontaminada do tremor de agora, repousaria a testa no vidro da janela — num instante

livre do vício de fácil alívio — para aprender

uma manhã desordenadamente

atravessada pela possibilidade de voragem, enquanto configuro a voz com que meu filho construía suas inquietações, envolvendo

minha atenção num idioma a princípio pausado, logo após efusivo, cujo sentido incitava as águas do paladar: encontro

a cor dos timbres, o compasso

da respiração, perdendo,

no entanto, a trama de intensidades

que desestabiliza a articulação das expressões mais provisórias: pressinto — mesmo empedrada — a necessidade de inventar outro modo de tatear: tocada pela velocidade, abro todas as pálpebras para a violência que invade minhas vozes, que revolve minhas veias, temendo as marcas

impossíveis de me identificar, a inexistência não dos cortes, mas da pele continuamente a se lanhar: intrometida na claridade do dia, esqueço

de fazer meus dedos buscarem alguém debaixo da camisa vazia: suspeito sobretudo das presenças que — insustentavelmente palpáveis — povoam

as brechas dos meus breves corpos (a persistência

dos ecos de novo refeitos

tritura o junco dos seus joelhos): cubro a garganta com as primeiras mãos da manhã, como se quisesse deter o percurso

de algo prestes a desaparecer, por mais

que insista em permanecer

inofensiva, embrulhando a garganta

nas mãos enquanto preparo  
as poucas palavras  
com que iniciaremos um grito sucinto.

### TRÊS

#### COMENTÁRIO À CALMA:

Reconheço os rancores que sobrevivem da sua voz;  
Vejo que  
sou estreita; que avivo, cada vez mais ávida,  
uma velhice ainda contrita

Não consigo — com as articulações  
recolhidas  
entre britas — deixar de suspeitar

da sede que incita  
este ressentimento (não faço senão pensar  
a nossa  
proteção, nutrindo  
o organismo  
que não  
queremos extinto). Questiono

a mudez que desejei  
ser não  
mais que indiferença, questiono

sua omissão,  
sua subsistência

questiono — quase demolida —  
a força  
com que corrói nossas ruínas.

#### COMENTÁRIO À CATATONIA:

escuto a chuva que recusa a cólera, que recusa o alívio  
restaurando  
primeiro o ritmo, prorrogo os riscos de sua sintaxe

(são águas que não nos devastam  
quando

ainda nos tocam)

não temo que a casa acabe alagada

apenas  
não suporto pisar

os estilhaços da vidraça?

por enquanto, estamos  
em estado  
de urgente necessidade:

proveitem

a insônia — em que não há  
nem  
desistência nem aceitação —

antes  
que qualquer

sintoma

de sono erga

outra

estiagem

COMENTÁRIO À CALMA:

Minha desconfiança possui fronteiras estreitas;  
percebo,  
já a desmoronar, que meu corpo

evita sua presença (mesmo que jamais  
esteja imune

às suas palavras). No entanto, a iminência

de um crime  
também me excita,

ainda  
que eu — tão remota, tão antiga —

continue  
extinta, provocando

algumas iras onde

apenas

encontraria

atrocidade

COMENTÁRIO À CATATONIA:

Não produzo as vidas que sua vigilância vela:  
para  
poupar o peso da interpretação,

eu explicaria

— apesar  
de toda pobreza — a fonte destes frutos,

a natureza  
desta terra: apesar de toda pobreza,

entendo que procure dilapidar  
qualquer  
indício de diálogo: entendo também

que será

exaustivo — para quem  
não  
costuma senão grunhir —

a necessidade

de  
calar — sem  
concessões — por muito

mais  
que um minuto, manipulada

pelo  
espanto de

uma  
perplexidade

quase  
esquálida

#### QUATRO

Ela — com as mãos afastadas da boca — repete que da porta  
do hospital pode  
perceber, em torno da praça a ser demolida, a cidade  
trepidar em reconstrução  
compulsiva, combatendo  
meu crânio a cada pedra partida;

diz que o trabalho das máquinas — presente por toda  
a quadra, brusco  
apesar de previsível — tateia  
traumas no meu tórax: o estardalhaço (debruçado  
sobre  
os tímpanos) confronta  
a imobilidade que inutilizará  
meus músculos (que abreviará meus braços  
sob um circuito  
de céus abruptos). Diante de mim, uma mendiga

equilibra, próxima à cabeça protegida por malhas  
destroçadas, uma massa  
de mãos encardidas, tão concretas quanto a calçada;  
escuta: invejo  
seus olhos, suas rugas,

seus dedos, suas chagas; escuta: talvez a manhã prove  
minha pele, quase  
aterrorizada, como quem esmiuçasse  
um fruto; escuta: contra a potência da repulsa,  
faço sua respiração  
retornar a meu rosto; escuta: o calor pouco  
a pouco expelido  
condensa o suor que  
queremos maciço, compondo um espaço  
à parte para  
o contato agora provável. Aquele

que não canta diz: dissipo algumas asfixias ao simular a pausa  
que anuncia uma fala;  
depois de ganhar um gole

de fôlego, deixo o pulmão intacto até um resquício  
de ruído despontar. Este,  
sem gesto, murmura que movimento  
da língua, mesmo ao largo  
de alguma voz, agita um sinal  
de saliva que ainda  
consigo chamar de vida. A brutalidade

suspende o silêncio, suspende o debate: a brutalidade — quando  
impõe  
sua presença — expõe a impossibilidade

do pensamento, a brutalidade que, sufocando  
o som, amanhece  
sob a inanição? Ela — com os braços  
distantes  
do corpo — repete que mantém a tensão

trancada entre os dentes, capaz de umedecer a argamassa  
do cansaço;  
diz que pode fazer a mendiga desaparecer, que pode dispersar  
suas marcas,  
incinerar seus ossos; escuta: posso afogar  
nossas chagas;  
escuta: posso inventar  
um vento  
incisivo, uma presença assídua;

escuta: posso inventar uma manhã unânime; escuta: posso  
fabricar a imagem  
de meu filho, recortando as retas do rosto,  
explorando  
as imperfeições da pele, enquanto semeio, minuto  
a minuto, as feridas  
que tentarei cicatrizar. Apesar do ritmo  
produzido pelo  
súbito exercício, acompanhar  
o corpo a caminhar não anula  
a violência da imobilidade vinculada  
tanto à paralisia  
quanto à velocidade; pensa: a inanição,

ciente da nossa vigília, prorroga a quietude que, contornando  
crânio, pressiona  
pânico; pensa: às vezes, quando esqueço o silêncio que  
já chega  
em chaga, mergulho no corpo

algumas palavras, até que  
o espanto, expandindo  
os pulmões,  
estremece as vigas entre os vãos da visão.

## CINCO. REABILITAÇÃO DO PALADAR

### A) PELA CISÃO DO SILÊNCIO:

#### PRIMEIRO EXERCÍCIO

Carrego do meu ser de sobrevivência  
a poeira  
de perturbações cuja

incidência sustenta as misérias  
que formam  
suas forças

com  
minuciosa ferocidade, carrego

do meu  
ser de concisão os escombros

que restituem minhas mãos  
ao  
chão onde

preparo — à volta  
de uma escrita

talvez  
desmedida —

as horas que extraem  
da  
aragem as fagulhas

de  
fôlego cedidas

às  
sendas

distribuídas

pelas

feridas

## SEGUNDO EXERCÍCIO

Quando o pânico petrifica o passado

(quando  
o pânico amputa

a potência do passo)

Quando a mudez recobre a pele

(quando  
a mudez esfacela

a fibra da febre)

reafirma — apesar da exaustão,  
apesar da letargia —

que acredita na água,

na

ferida — viva —

da

palavra

— cada

vez

mais — ávida:

uma

forma de fala —

uma

língua na lâmina

— cada

vez

mais — híbrida

## TERCEIRO EXERCÍCIO

a caixa  
craniana

aberta  
ao  
impacto

produzido

pelo  
pulmão

dentro

do  
granito

a caixa  
craniana

recupera  
do  
silêncio

entre  
os ossos

a ansiedade

que  
não

a incinera

a caixa  
craniana

alerta  
como a pedra

que  
pesa

num

grão  
de  
grito

como  
a chuva

que  
busca

a boca  
durante

a luta

a caixa  
craniana

desperta

sobre  
a extensão

do tédio

que  
retém

as tensões

por  
onde

o tempo  
tentará

voltar  
a  
oscilar

B) PELA PULSAÇÃO DO PULMÃO:

QUARTO EXERCÍCIO

a reocupação do pulso  
sob  
a febre — que a vertigem reverbera —

sua  
áspera ossatura

(uma cisão)

ao  
oceano — agora

implanta

(pelo  
canto)

o paladar:

desde  
o cerne

— como um pomo de pus —

há  
rastros

de claridade

(pela  
arcada)

despejada

rente  
ao  
chão roído

por

mais

um

urro

## QUINTO EXERCÍCIO

Quando o dia desidrata a vigília  
(quando  
o dia mutila

as iras da pupila)

Quando a noite inutiliza a paisagem  
(quando  
a noite desativa

as engrenagens da voragem)

reafirma — contra a coação,  
contra a covardia —

que acredita no corpo  
em  
combate — um corpo de desvios,

de afetos,  
de lapsos,

de rangidos — acredita  
neste corpo

ainda  
vivo, por entre

ares  
tantas

vezes  
rarefeitos

um  
corpo inscrito

na acidez

onde  
ressoam signos

de

aproximação

## SEXTO EXERCÍCIO

(DURANTE A VOCIFERAÇÃO)

uma memória que represa  
trevas,  
que restaura ritos?

(DE SOBREAviso)

apesar da distância, sei que avanço  
por  
uma sombra;

desconheço,  
no entanto, a noite

que a envolve,

o dia  
que a habita

(DURANTE A VOCIFERAÇÃO)

às vezes, continuo a caminhar  
porque  
não quero me interrogar;

porque guardo  
as mãos mutiladas,

sem poder

criar  
o que pretendo

lembrar?

(DE SOBREAviso)

duvido do que há para  
rever,  
do que há  
para  
recordar

(DURANTE A VOCIFERAÇÃO)

nossa visão não consolida  
nenhum  
contato porque

recusa  
qualquer colisão

(DE SOBREAviso)

ainda assim, vivo algumas  
imagens;  
são vigas erguidas

nas retinas,

que  
impedem

o cansaço

de se instalar

(DURANTE A VOCIFERAÇÃO)

o que há para  
rever,  
o que há  
para  
recordar?

(DE SOBREAviso)

invado uma visão inventada,  
cuja  
instabilidade não prejudica

minha  
elaboração,

pois a faço  
nascer não do esforço,

mas  
do fracasso

da precisão; uma visão

que  
atiro ao atrito,

que  
lanço à laceração;

uma visão

de que me destituo  
para  
a manter em constante

conflito,

em  
constante

construção,  
como  
o murmúrio

a que me vinculo

quando  
intrometo

o meu  
desconhecimento,

a minha  
insuficiência

no intervalo  
de um tempo

dedicado — apesar de escasso —

à extensão,  
tentando ver,

tentando  
mastigar o que também

puder se doar,  
depois

de penetrar o abandono,

a incompreensão,

o que  
também

puder se expor

a um ritmo  
quando

muito intuído,

que  
nos sobreleva

enquanto  
respiramos

apenas  
coagidos

**Casé Lontra Marques** nasceu em 13 de novembro de 1985. **Publicou:** *A densidade do céu sobre a demolição* (**Confraria do Vento, 2008**); *Campo de ampliação* (**Lumme Editor, 2008**); *Mares inacabados* (**Flor&cultura, 2007**).

**Contato:** caselontramarques@gmail.com.